

Notas sobre alguns morcegos da ilha de Maracá, Território Federal de Roraima (Mammalia, Chiroptera)

Valdir Antonio Taddei (*)

Nélio Roberto dos Reis (**)

Resumo

Foram analisadas oito espécies de morcegos (*Pteronotus parnellii rubiginosus*, *Carollia p. perspicillata*, *Uroderma b. bilobatum*, *Uroderma magnirostrum*, *Chiroderma v. villosum*, *Artibeus fuliginosus*, *Desmodus r. rotundus*, *Molossus m. molossus*) colecionados na Estação Ecológica de Maracá, Território Federal de Roraima. São fornecidas medidas externas e cranianas dos exemplares, ao lado de observações taxonômicas e sobre a distribuição geográfica das espécies.

A ilha de Maracá, localizada no norte do Território Federal de Roraima, é formada pela bifurcação do rio Uraricoera, afluente esquerdo do rio Branco. Constitui, atualmente, a Estação Ecológica de Maracá da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), com uma área de 92.000 hectares, situada entre 3°15' a 3°35'N e 61°22' a 61°50'W.

O clima da região é quente e semi-úmido (tipo Aw, segundo Köppen), com seca de inverno boreal, correspondente aos meses de novembro a março. A precipitação do período seco representa cerca de 38% da média anual de chuvas, que é de 1504 mm (Nimer, 1971). A vegetação característica da ilha é a floresta tropical úmida, contudo, na região leste, predominam os campos e formações abertas.

As coletas foram realizadas durante breve excursão, em fins de novembro de 1978, no extremo leste da ilha, em local próximo à junção dos canais de Maracá e de Santa Rosa, onde a altitude é de aproximadamente 100 m. As redes ("mist nets") foram armadas em pasto alagado, entre a área de mata e o campo. A quiropterofauna desta região é ainda pouco conhecida e, dentre os exemplares obtidos, alguns pertencem a espécies, de modo geral, mal representadas em coleções e com raros registros de distribuição, no território brasileiro.

Os animais, fixados com formol e preservados em álcool, acham-se depositados na coleção do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto (DZSJRP), da Universidade Estadual Paulista — UNESP.

Todas as medidas são expressas em mm e foram efetuadas com o uso de paquímetro. Nas dimensões externas, os metacarpos foram medidos pelo lado dorsal, incluindo o carpo. Nas dimensões cranianas, no comprimento total, cômulo-basal e basal foram incluídos os incisivos. O comprimento cômulo-canino foi medido da face anterior do canino ao extremo posterior do cômulo occipital do lado correspondente. O comprimento das séries dentárias foi tomado da face anterior do canino à projeção posterior do último molar. As demais medidas foram realizadas segundo os critérios adotados por Vizotto & Taddei (1973).

As abreviações usadas para as medidas foram as seguintes: Dimensões externas — Antebraço (An), Metacarpo (Me), Falange (Fa); Dimensões cranianas — Comprimento total (Ct), Comprimento cômulo-basal (Cb), Comprimento cômulo-canino (Cc), Comprimento basal (B), Comprimento das séries de dentes superiores e inferiores (C-M), Comprimento da mandíbula (Cm), Largura dos *cingula*-caninos (Lc), Largura externa dos molares (Lm), Largura pós-orbitária (Lp), Largura zigomática (Lz), Largura da caixa craniana (Lcx), Largura mastóidea (Lmt).

MORMOOPIDAE

Pteronotus parnellii rubiginosus (Wagner)

Chilonycteris rubiginosus Wagner, 1843, Arch. Naturg., 9: 367.

Pteronotus parnellii rubiginosus, Smith, 1972, Misc. Publ. Mus. Nat. Hist., Univ. Kansas, 56: 75.

(*) — Universidade Estadual Paulista — UNESP, São José do Rio Preto, SP.

(**) — Universidade Estadual de Londrina — UEL, Londrina, PR.

Localidade tipo: Caiçara, Mato Grosso, Brasil.

Espécime coletado (1). — DZSJRP 11480.

Em sua revisão da família Mormoopidae Smith (1972) admitiu oito subespécies de *Pteronotus parnellii*. A única forma reconhecida para o Brasil foi *P. parnellii rubiginosus*, cuja área de distribuição no território brasileiro, se estende desde a região amazônica ao Estado do Mato Grosso do Sul.

O espécime examinado era uma fêmea que se achava em adiantado estágio de gestação, com um embrião de 31,3 mm de comprimento total e 18,0 mm de comprimento do antebraço.

Medidas — An: 64,8; III^o Me: 57,3; 1^a Fa: 13,3; 2^a Fa: 18,8; 3^a Fa: 15,0; IV^o Me: 55,4; 1^a Fa: 12,2; 2^a Fa: 15,0; V^o Me: 53,5; 1^a Fa: 12,3; 2^a Fa: 13,5. Crânio — Ct: 23,5; Cb: 22,0; Cc: 21,2; B: 20,3; C-M³: 10,1; C-M₃: 10,5; Cm: 17,1; Lc: 6,8; Lm: 8,8; Lp: 4,4; Lz: 13,0; Lcx: 11,1; Lmt: 12,0.

PHYLLOSTOMIDAE

Carollia perspicillata perspicillata (Linnaeus)

Vespertilio perspicillatus Linnaeus, 1758, Syst. Nat., 10 ed., 1: 31.

Carollia perspicillata perspicillata, Miller, 1924, Bull. U.S. Nat. Mus., 128: 53.

Localidade tipo: Suriname.

Espécimes coletados (4). — DZSJRP 11481, 11482, 11483, 11484.

Para o uso do nome *Carollia p. perspicillata*, seguimos o esquema recomendado por Pine (1972), para uma possível divisão de *C. perspicillata* em subespécies.

Dos quatro indivíduos que obtivemos, um era macho com os testículos não escrotados (tes: 5,5 X 3,7 mm) e três eram fêmeas, das quais duas lactantes e uma sem sinais aparentes de gravidez.

Medidas (macho, seguidas pelas das três fêmeas — mínimo e máximo) — An: 39,7, 40,2 — 42,0; III^o Me: 38,5, 38,8 — 41,4; 1^a Fa: 16,3, 16,0 — 17,3; 2^a Fa: 20,6, 20,5 — 21,5; 3^a Fa: 9,8, 9,5 — 10,3; IV^o Me: 37,2, 38,0 — 39,3; 1^a Fa: 13,5, 12,6 — 14,7; 2^a Fa: 11,8, 11,8 — 13,2; V^o Me: 38,2, 38,7 — 41,1; 1^a Fa: 11,6, 11,4 —

13,0; 2^a Fa: 11,0, 10,5 — 11,3. Crânio — Ct: 22,2, 22,0 — 22,5; Cb: 20,0, 19,4 — 20,4; Cc: 19,1, 18,5 — 19,6; B: 17,6, 17,0 — 18,2; C-M³: 7,3, 7,1 — 7,4; C-M₃: 7,9, 7,8 — 8,1; Cm: 14,7, 14,2 — 14,8; Lc: 4,9, 4,6 — 4,7; Lm: 7,6, 7,1 — 7,6; Lp: 5,3, 5,4 — 5,7; Lz: 10,8, 10,7 — 10,9; Lcx: 9,5, 9,1 — 9,7; Lmt: 10,7, 10,2 — 10,7.

Uroderma bilobatum bilobatum Peters

Uroderma bilobatum Peters, 1866, M. Ber. Preuss. Akad. Wiss., 1866: 394.

Uroderma bilobatum bilobatum, Cabrera, 1958, Rev. Mus. Argentino Cien. Nat. "Bernardino Rivadavia", cien. zool., 4 (1): 1-307.

Localidade tipo: Ipanema (atualmente Varnhagen), São Paulo, Brasil.

Espécime coletado (1). — DZSJRP 11486.

Davis (1968), ao revisar o gênero *Uroderma*, com base em dados craniométricos, reconheceu cinco áreas de diferenciação geográfica de *U. bilobatum*. Das cinco subespécies admitidas pelo autor, a forma típica é a única que ocorre no Brasil (região amazônica, nordeste e sudeste até São Paulo), distribuindo-se, ainda no leste da Bolívia, Guianas e Venezuela. Posteriormente ao trabalho de Davis (1968), Baker & McDaniel (1972) descreveram *U. bilobatum davisii*, baseada em material proveniente do sul do México e América Central.

As dimensões de nosso exemplar, apesar de tratar-se de um macho imaturo, são muito próximas das medidas fornecidas por Davis (1968), para *U. b. bilobatum*.

Medidas — An: 40,5; III^o Me: 40,6; 1^a Fa: 14,8; 2^a Fa: 22,5; 3^a Fa: 10,7; 10,7; IV^o Me: 39,3; 1^a Fa: 12,4; 2^a Fa: 15,0; V^o Me: 38,8; 1^a Fa: 9,7; 2^a Fa: 11,9. Crânio — Ct: 23,2; Cb: 20,4; Cc: 20,0; B: 18,8; C-M³: 7,8; C-M₃: 8,4; Cm: 14,9; Lc: 5,4; Lm: 8,5; Lp: 5,3; Lz: 12,3; Lcx: 9,3; Lmt: 10,4.

Uroderma magnirostrum Davis

Uroderma magnirostrum Davis, 1968, Jour. Mammal., 49 (4): 679.

Localidade tipo: San Lorenzo, Departamento de Valle, Honduras.

Espécime coletado (1). — DZSJRP 11485.

A área de distribuição conhecida de *Uroderma magnirostrum* inclui desde o sul do México (Istmo de Tehuantepec) até a Bolívia e Brasil. No território brasileiro a espécie foi registrada no Estado do Pará: Belém, Boim — Rio Tapajós (Davis, 1968); Estado do Mato Grosso do Norte: 264 Km ao norte de Xavantina, 12°49'S, 51°46'W, Serra do Roncador (Pine *et al.*, 1970).

O espécime obtido no Território de Roraima, uma fêmea adulta, não apresentava sinais de gravidez.

Medidas — An: 44,0; III^o Me: 44,0; 1^a Fa: 16,3; 2^a Fa: 23,0; 3^a Fa: 12,8; IV^o Me: 42,4; 1^a Fa: 13,2; 2^a Fa: 15,0; V^o Me: 43,0; 1^a Fa: 11,3; 2^a Fa: 12,9. Crânio — Ct: 23,7; Cb: 21,5; Cc: 20,8; B: 19,3; C-M²: 8,3; C-M₃: 8,9; Cm: 15,7; Lc: 5,7; Lm: 9,2; Lp: 5,6; Lz: 13,4; Lcx: 9,8; Lmt: 11,1.

Chiroderma villosum villosum Peters

Chiroderma villosum Peters, 1860, M. Ber. Preuss. Akad. Wiss., 1860: 748.

Localidade tipo: Brasil.

Espécime coletado (1). — DZSJRP 11487.

Conforme foi sumarizado por Taddei (1979), é ainda pouco conhecida a distribuição geográfica de *Chiroderma villosum* no Brasil. Além do exemplar citado por Thomas (1920), de Santo Antonio do Prata (Baixo Amazonas), a espécie foi registrada nos Estados do Pará, Mato Grosso, São Paulo e Território de Rondônia.

O exemplar agora examinado, é uma fêmea juvenil, com as metáfises não ossificadas e com incisivos superiores internos separados. Apesar de ser um indivíduo jovem, suas dimensões externas e cranianas concordam bem com as medidas publicadas para *C. villosum villosum* por Goodwin & Greenhall (1961), Husson (1962) e Taddei (1979). Além disso, o primeiro premolar inferior apresenta a coroa muito baixa e com cúspide não desenvolvida. Esta característica, entre outras, foi mencionada por Thomas (1891) e por Goodwin & Greenhall (1961) como distintiva da espécie.

Notas...

Pirlot (1972), com base na disposição dos incisivos superiores internos, que se apresentavam separados, identificou como *Chiroderma trinitatum*, um exemplar procedente de Codajás, Estado do Amazonas. Ao mesmo tempo, ressaltou que as dimensões de seu exemplar (An: 45,4) estavam mais próximas das dimensões de *C. villosum*.

A descrição original de *Chiroderma trinitatum* Goodwin, 1958, foi complementada por Goodwin, & Greenhall (1961; 1964). Nesta espécie, o comprimento do antebraço pode variar de 37,1 a 43,1 mm (Goodwin & Greenhall, 1961; 1964; Ojasti & Linares, 1971; Gardner, 1976) e o primeiro premolar inferior é relativamente grande com uma cúspide anterior bem desenvolvida, com cerca de metade da altura do canino. Por outro lado, o exame de material de *C. villosum* do Estado de São Paulo revelou a existência de variação individual na disposição dos incisivos superiores internos, que podem estar em contato ou completamente separados (Fig. 1). Esta característica, portanto, não deve ser considerada como decisiva para a identificação de espécies de *Chiroderma*, justificando, a nosso ver, um reexame do exemplar referido por Pirlot (1972), como *C. trinitatum*.

Medidas — An: 46,2; III^o Me: 45,5; 1^a Fa: 16,5; 2^a Fa: 21,6; 3^a Fa: 13,8; IV^o Me: 43,2; 1^a Fa: 13,6; 2^a Fa: 13,7; V^o Me: 43,4; 1^a Fa: 11,0; 2^a Fa: 10,8. Crânio — Ct: 24,6; Cb: 22,2; Cc: 21,4; B: 19,1; C-M²: 8,6; C-M₂: 9,5; Cm: 16,5; Lc: 5,4; Lm: 10,3; Lp: 6,3; Lz: 14,5; Lcx: 10,7; Lmt: 12,0.

Artibeus fuliginosus Gray

Artibeus fuliginosus Gray, 1838, Mag. Zool. Bot., 2: 487.

Localidade tipo: América do Sul.

Espécime coletado (1). — DZSJRP 11488.

Gray (1838), baseado em material proveniente da América do Sul, descreveu sob a denominação de *Arctibeus fuliginosus* uma espécie de morcego, caracteristicamente escura, cujo comprimento do antebraço era de 63,5 mm.

Patten (1971), na ausência do holótipo e, entre outras razões, levando em conta a estabilidade nomenclatural, considerou *A. fuliginosus*.

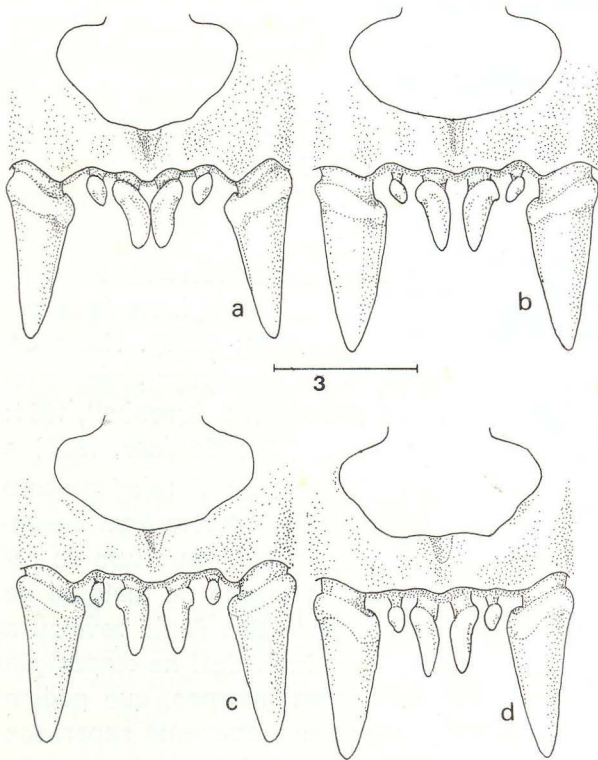


Fig. 1 — Variação individual na disposição dos incisivos superiores em *Chiroderma v. villosum*. a) fêmea adulta, DZSJRP 4388; b) fêmea adulta, DZSJRP 4389; c) fêmea jovem com metáfises não ossificadas, DZSJRP 4032; d) fêmea jovem com metáfises não ossificadas, DZSJRP 11487.

sus Gray, como um *nomen dubium*. Fundamentado em espécimes colecionados na Colômbia, Equador e Peru, tratou e redescreveu *A. fuliginosus* como uma nova espécie (cf. Koopman, 1978), mencionando a possibilidade de a mesma ocorrer na parte leste da Bolívia e sul do Brasil, além do vale do rio Amazonas.

Após o trabalho de Patten (1971), não publicado, o nome *A. fuliginosus* foi utilizado por vários autores, entre eles, Handley (1976) para designar material de *Artibeus* obtido na Venezuela e Davis & Dixon (1976), para espécimes do Peru. Finalmente, Koopman (1978), ao discutir a situação taxonômica do grupo *jamaicensis-lituratus* reconheceu *A. fuliginosus*, além de *A. fraterculus* e *A. planirostris* como espécies distintas de *A. jamaicensis*.

O exemplar constante de nossa amostra, uma fêmea não grávida, concorda bem, em

suas características externas e cranianas, com a redescrição minuciosa fornecida por Patten (1971) e parece corresponder ao primeiro registro da espécie efetuado no território brasileiro.

Medidas — An: 59,4; III^o Me: 59,8; 1^a Fa: 20,5; 2^o Fa: 31,0; 3^a Fa: 15,8; IV^o Me: 58,0; 1^a Fa: 16,3; 2^a Fa: 20,4; V^o Me: 59,7; 1^a Fa: 13,2; 2^a Fa: 15,4. Crânio — Ct: 28,7; Cb: 25,3; Cc: 25,0; B: 23,1; C-M³: 10,4; C-M₃: 11,0; Cm: 19,4; Lc: 8,0; Lm: 12,2; Lp: 7,0; Lz: 16,7; Lcx: 11,7; Lmt: 15,6.

Desmodus rotundus rotundus (É. Geoffroy)

Phyllostoma rotundum É. Geoffroy, 1810, Ann. Mus. Hist. Nat., Paris, 15: 181.

Desmodus rotundus, Thomas, 1901, Ann. Mag. Nat. Hist. ser. 7, 8: 193.

Localidade tipo: Paraguai. Restrita por Cabrera (1957:93) a Asunción.

Espécimes coletadas (2). — DZSJRP 11491, 11492.

Dos espécimes que obtivemos um era macho e apresentava os testículos desenvolvidos (tes: 6,6 X 5,2 mm) e o outro, era uma fêmea adulta não grávida.

Medidas (macho, seguidas pelas da fêmea) — An: 57,5, 60,6; III^o Me: 51,5, 53,7; 1^a Fa: 11,0, 10,7; 2^a Fa: 17,8, 17,7; 3^a Fa: 12,4, 13,0; IV^o Me: 51,5, 53,2; 1^a Fa: 9,6, 10,0; 2^a Fa: 15,4; 15,4; V^o Me: 50,5, 53,2; 1^a Fa: 9,7, 10,3; 2^a Fa: 14,0, 14,3. Crânio — Ct: 24,7, 23,9; Cb: 21,8, 21,3; Cc: 19,8, 19,2; B: 19,4, 18,7; C-M¹: 3,5, 3,4; C-M₁: 4,5, 4,3; Cm: 14,8, 14,5; Lc: 6,0, 6,0; Lm: 6,3, 6,1; Lp: 5,6, 5,4; Lz: 12,0, 11,8; Lcx: 12,0, 11,6; Lmt: 12,3, 11,6.

MOLOSSIDAE

Molossus molossus molossus (Pallas)

V. (espertilio) *Molossus* (p.p.) Pallas, 1766, Miscellanea zoologica, 1766: 49-50.

Molossus molossus, Husson, 1962, Zool. Verhandl., 58: 258.

Localidade tipo: Ilha Martinica, Pequenas Antilhas.

Espécime coletado (1). — DZSJRP 11493.

As medidas do exemplar, um macho adulto (tes: 6,0 X 3,1 mm), estão dentro dos limites publicados por Smith & Genoways (1974) para material das Pequenas Antilhas e da Venezuela continental. Com base nas considerações desses autores, o espécime pode ser referido segundo a forma típica *Molossus m. molossus*, cuja área de distribuição, apesar de não estar satisfatoriamente definida, inclui também o nordeste da América do Sul.

Medidas — An: 38,8; III^o Me: 40,5; 1^a Fa: 17,7; 2^a Fa: 16,2; IV^o Me: 39,5; 1^a Fa: 15,7; 2^a Fa: 3,4; V^o Me: 25,2; 1^a Fa: 10,2; 2^a Fa: 4,2. Crânio — Ct: 17,2; Cb: 15,7; Cc: 15,2; B: 13,7; C-M³: 6,1; C-M₃: 6,9; Cm: 11,8; Lc: 4,4; Lm: 7,6; Lp: 3,5; Lz: 10,9; Lcx: 8,7; Lmt: 10,5.

AGRADECIMENTOS

Somos gratos ao Dr. Herbert O. R. Schubart por ter-nos proporcionado as condições para examinar material da ilha de Maracá; ao Dr. Luiz Dino Vizotto e a Ivan Sazima pelas sugestões e leitura crítica do manuscrito.

SUMMARY

Eight species of bats from the Ecological Station of Maracá in the Federal Territory of Roraima were taxonomically analysed. The following species were treated in the study: *Pteronotus parnellii rubiginosus*, *Carollia p. perspicillata*, *Uroderma b. bilobatum*, *Uroderma magnirostrum*, *Chiroderma v. villosum*, *Artibeus fuliginosus*, *Desmodus r. rotundus* and *Molossus m. molossus*. Notes on the geographic distribution of the species are included.

BIBLIOGRAFIA

- BAKER, ROBERT J. & MCDANIEL, V.R.
1972 — A new subspecies of *Uroderma bilobatum* (Chiroptera: Phyllostomatidae) from Middle America. *Occas. Papers Mus., Texas Tech Univ.*, 7: 1-4.
- CABRERA, ANGEL
1958 — Catálogo de los mamíferos de América del Sur. *Rev. Mus. Argentino Cien. Nat. "Bernardino Rivadavia", cienc. zool.*, 4 (1): 1-307.
- DAVIS, WILLIAM B.
1968 — Review of the genus *Uroderma* (Chiroptera). *Jour. Mammal.*, 49 (4): 676-698.

- DAVIS, WILLIAM B. & DIXON, JAMES R.
1976 — Activity of bats in a small village clearing near Iquitos, Peru. *Jour. Mammal.*, 57 (4): 747-749.
- GARDNER, ALFRED L.
1976 — The distributional status of some peruvian mammals. *Occas. Papers Mus. Zool., Louisiana State Univ.*, 48: 1-18.
- GOODWIN, GEORGE G. & GREENHALL, ARTHUR M.
1961 — A review of the bats of Trinidad and Tobago. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 122 (3): 187-301.
1964 — New records of bats from Trinidad and comments on the status of *Molossus trinitatus* Goodwin. *Amer. Mus. Novitates*, 2195: 1-23.
- GRAY, JOHN E.
1838 — A revision of the genera of bats (Vesperilionidae), and the description of some new genera and species. *Mag. Zool. Bot.*, 2: 483-505.
- HANDLEY, CHARLES O., JR.
1976 — Mammals of the Smithsonian Venezuelan Project. *Brigham Young Univ. Sci. Bull., biol. ser.*, 20 (5): 1-91.
- HUSSON, ANTONIUS M.
1962 — The bats of Suriname. *Zool. Verhand.*, 58: 1-282.
- KOOPMAN, KARL F.
1978 — Zoogeography of Peruvian bats with special emphasis on the role of the Andes. *Amer. Mus. Novitates*, 2651: 1-33.
- OJASTI, JUHANI & LINARES, OMAR J.
1971 — Adiciones a la fauna de murciélagos de Venezuela con notas sobre las especies del genero *Diclidurus* (Chiroptera). *Acta Biol. Venez.* 7 (3): 421-441.
- NIMER, EDMOND
1971 — Climatologia da região sul do Brasil. Introdução à climatologia dinâmica. Subsídios à Geografia regional do Brasil. *Rev. Bras. Geografia*, 33 (4): 3-65.
- PATTEN, DONALD R.
1971 — A review of the large species of *Artibeus* (Chiroptera: Phyllostomatidae) from western South America. Tese não publicada, *Texas A. and M. Univ., College Station*, 175pp.
- PINE, RONALD H.
1972 — The bats of the genus *Carollia*. *Tech. Monogr. Texas Agric. Exp. Sta. Texas A. and M. Univ.*, 8: 1-125.
- PINE, RONALD H.; BISHOP, IAIN R. & JACKSON, RUTH L.
1970 — Preliminary list of mammals of the Xavantina/Cachimbo expedition (Central Brazil). *Trans. Roy. Soc. Trop. Med. Hyg.*, 64 (5): 668-670.

PIRLOT, PAUL

1972 — Chiroptères de Moyenne Amazonie. **Mammalia**, 36 (1): 71-85.

SMITH, JAMES D.

1972 — Systematics of the chiropteran family Mormoopidae. **Misc. Publ. Mus. Nat. His., Univ. Kansas**, 56: 1-132.

SMITH, JAMES D. & GENOWAYS, HUGH H.

1974 — Bats of Margarita Island, Venezuela, with zoogeographic comments. **Bull. S. Cal. Acad. Sci.**, 73 (2): 64-79

TADDEI, VALDIR A.

1979 — Phyllostomidae (Chiroptera) do Norte-Ocidental do Estado de São Paulo. III — Ste-nodermatinae. **Ci. e Cult.**, 31 (8): 900-914.

THOMAS, OLDFIELD

1891 — Note on *Chiroderma villosum*, Peters, with the description of a new species of the genus. **Ann. Mus. Civ. Stor. Nat., Genova**, ser. 2, 10: 881-883.

1920 — On mammals from the lower Amazons in the Goeldi Museum, Para. **Ann. Mag. Nat. Hist.**, ser. 9, 6: 266-283.

VIZOTTO, LUIZ D. & TADDEI, VALDIR A.

1973 — Chave para determinação de quirópteros brasileiros. **Fac. Fil. Ciên. Letr. S. J. R. Preto, Bol. Ci.**, 1: 1-72.

(Aceito para publicação em 29/02/80)